Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

A FUNCÃO DO TRAÇO UNÁRIO NA IDENTIFICAÇÃO DO SIGNIFICANTE

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Resumo: Este trabalho visou o estudo da identificação do significante pela estrutura lógica do traço unário, buscando a reflexão de sua função na metáfora e metonímia pelo grafo do desejo.

Palavra-chave: Identificação, traço unário, significante, função, estrutura lógica

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

THE FUNCTION OF THE UNARY TRAIT IN IDENTIFYING THE SIGNIFICANT

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Abstract: This work aimed to study the identification of the signifier through the logical structure of the unary feature, seeking to reflect on its function in metaphor and metonymy through the graph of desire.

Keyword: Identification, unary feature, signifier, function, logical structure

São Paulo

2024

Lacan anuncia que a relação do sujeito com o significante será o foco do seminário. No decorrer do estudo, a função do traço unário na identificação do significante, foi revelando sua importância.

Até este momento do ensino, quando se falava de identificação, o que se pensava primeiro era no outro a quem nos identificamos, enfatizada sobre a diferença entre o pequeno e o grande Outro.

Para se atingir o foco do seminário, se fez necessário um longo percurso sobre como a função do simbólico recai sobre o significante.

"Um fabuloso encadeamento de organização significante deve entrar no real por intermédio dos seres falados, assim são as leis da identificação enquanto identificação dos significantes". As funções exercidas pela linguagem num certo campo do real, aquele do qual nós outros, seres falantes, somos condutores.

Lacan procura mostrar a distinção do que é trazido da experiência da linguagem e do que a relação significante nos permite dividir radicalmente do real, sob a forma da dimensão simbólica.

A função da identificação se passa essencialmente no nível da estrutura, algo que tem sido introduzido principalmente como especificação, registro do simbólico.

A identificação imaginária tem seu valor e sua força, já discutido nos seminários anteriores.

O que distingue o significante é somente ser o que os outros não são, o que, no significante implica a função de unicidade é justamente ser somente diferença, é enquanto pura diferença que a unidade, em sua função significante, se estrutura, se constitui.

Lacan trás o fort-dá de Freud, para avançarmos ao conceito de traço unário.

> A bola é um objeto e não um significante. É uma aproximação para dizer este *a* é um *a*. Existe, entre estes dois momentos, o desaparecimento da bola, sem isso não há meio de demonstrar, não há nada que se forme no plano da imagem. É o que une essas duas aparições da bola e o desaparecimento intermediário que no plano imaginário se coloca a questão da relação com o que parece causá-lo, o desaparecimento. Esse é um dos segredos da identificação, essa assunção, espontânea para o sujeito, da identificação de duas aparições, no entanto bem diferentes. No imaginário o suporte do ser é rapidamente concebível. (LACAN J. 1961. p 52)

A escansão que o ser se apresenta no mundo não é somente imaginária, pois não é mais ao outro que estamos nos referindo, e sim ao mais íntimo de nós mesmos. Há uma espécie de vínculo, em uma relação de dependência do sujeito como tal, em relação ao significante.

O estatuto do significante, não é signo. É do efeito do significante que surge o sujeito como tal, na lição 3 Lacan diz que irá responder ao longo do seminário se este efeito é metonímico ou metafórico.

O que foi chamado de caráter apreensível do estatuto do significante, qualquer que ele seja, pelo fato que eliminaria essas diferenças, quando se trata de definir a identidade.

É muito mais tarde que encontramos o rastro de algo que é, sem ambiguidade, significante.

É o significante que decide, é ele que introduz a diferença como tal no real, e justamente na medida em que o que importa não são as diferenças qualitativas.

O significante em sua função de diferença, é deste modo que devemos procurar o que está suspenso, nessa espécie de distinção particularmente manifesta no traço unário, já que o que o distingue não é uma identidade de semelhança, é que o significante não é signo. Um signo representa alguma coisa para alguém, o alguém que está lá como suporte do signo.

Essa a primeira definição que Lacan trás de um alguém: "é alguém que está acessível a um signo. É a forma mais elementar da subjetividade. Ainda não há objeto algum, há signo, que representa esta alguma coisa para alguém". Se o signo representa algo para alguém, o significante representa algo para outro significante.

Um significante se distingue de um signo, porque os significantes não manifestam outra coisa, senão a presença, o lugar da diferença como tal e nada mais. Então a relação com o signo está apagada.

Para isso precisa distinguir significante de signo e mostrar em que sentido o passo franqueado é aquele da coisa apagada; os diversos apagamentos que o significante vem a luz nos darão precisamente os modos capitais da manifestação do sujeito. O traço unário é o suporte da diferença.

O caso Hans, de Freud, é apresentado para exemplificar o traço numa articulação semelhante à função indireta do símbolo. Na observação de que alguma coisa encarne, verdadeiramente, para nós e nos dê a imagem da aparição do simbólico como tal na dialética psíquica. Não se deve colocar todo realce naquilo que se vê no fenômeno, sobre o que o *eu* se materializa, ao nossos olhos. É exatamente o que prova o caráter essencial destas delimitações estruturais.

> No caso Hans, a fobia, o momento crítico onde há a suspensão radical ao desejo de sua mãe, que se pode dizer sem compensação, sem recurso, sem saída, é essa a função de artifício nesta fobia, na medida em que o sujeito introduz um

> mecanismo significante chave que permite ao sujeito preservar o que está em questão, para ele, esse mínimo de ancoragem, de centragem de seu ser, que lhe permite não se sentir um ser completamente à deriva do capricho materno**.** (LACAN J. 1961. p 82).

É o que há de mais destruído, de mais apagado de um objeto. Se é do objeto que o traço surge, é algo do objeto que o traço retém, que é justamente, sua unicidade.

A função do objeto, do pequeno *a* minúsculo na identificação do sujeito, isto é, algo que não está imediatamente em nosso alcance.

É a relação do sujeito com o significante que emerge de tempos em tempos. Não simplesmente lapsos, pequenos paradoxos, de passagem. Encontramos essas fórmulas pelo caminho. A chave é localizar a relação do neurótico com o objeto fálico.

O que este seminário ensina é a estrutura do sujeito, a partir de sua relação com o significante, tal qual converge com os momentos de *fading*, de desaparecimento do sujeito, ligado a essa batida em eclipse do que só aparece para desaparecer e reaparecer para de novo desaparecer, que é a marca do sujeito como tal.

Se o rastro é apagado, o sujeito cerca o lugar por um cerne, algo que desde então lhe concerne, ele, sendo a referência a partir do lugar onde ele encontrou o rastro e nós encontramos o nascimento do significante. “Um significante é uma marca, um rastro, uma escrita, mas não se pode lê-lo só. Juntar dois significantes é um quiproquó, juntar alhos com bugalhos. Três significante é o retorno daquilo de que se trata, isto é, do primeiro. É quando o passo marcado no rastro é transformado, no vocalista, ou seja, no analista, de quem o lê”.

O analista aqui deve se habituar a prestar atenção naquilo que a princípio tem sentido, a deslocar, numa substituição por onde o que tem um sentido se transforma em equívoco e reencontra seu sentido. O imaginário desempenha um grande papel, para explicar o imaginário a propósito do significante.

Traço unário é o que abre para a matemática e para a pulsão.

Ao inverter a polaridade da função da unidade, ao abandonar a unidade unificante, pela unidade distintiva, a questão passa a ser definida e articulada passo a passo a solidariedade do estatuto do sujeito enquanto ligada àquele traço unário, com o fato de que o sujeito está constituído, em sua estrutura, onde a pulsão sexual entre todas as marcas do corpo tem sua função privilegiada.

O primeiro ponto, a ligação do sujeito com o traço unário – Freud chamou de narcisismo das pequenas diferenças – é a mesma coisa que Lacan chama de função do traço unário, lembrando que dizer pequena diferença quer dizer diferença absoluta, essa

diferença destacada de toda comparação possível. É a partir dessa pequena diferença, enquanto é a mesma coisa que o grande *I*, o *Ideal do eu*, que se pode acomodar todo o propósito narcísico; o sujeito se constitui ou não como portador desse traço unário.

A retomada das funções privação, castração e frustração, como e onde se coloca a questão da relação do mundo significante com o que chamamos de pulsão sexual, privilégio, prevalência da função erótica do corpo na constituição do sujeito.

Avançando no caminho conceitual da função do traço unário na identificação do significante, é preciso citar, de forma sucinta que o objeto *a* é o que colocamos na pequena bola de pingue-pongue, ou seja, o nada, no jogo de alternância do sujeito, o fort-dá. Se trata apenas da passagem do falo *a+* para *a-*, ou seja, da presença para ausência, através disso vemos uma identificação, uma vez que sabemos que o que o sujeito assimila é ele, na sua frustração.

Não se trata tão simplesmente da presença, nem da ausência do pequeno *a*, mas da conjunção dos dois, do corte. É da disjunção do *+a* e do *-a* que se trata, e é aí que o sujeito vem se alojar como tal, que a identificação tem que se fazer, com esse algo que é o objeto do desejo.

O que dá privação concerne ao ponto mais central da estrutura da identificação do sujeito.

O sujeito se engana, pelo fato que ele pode se dizer, sobre seu desejo e nós analistas nos ocupamos do desejo pelo absoluto.

O engano para o sujeito “tem um sentido de erro em sua conta (matemática) só pode haver erro na conta para o sujeito que conta, isto é, que faz análise, se não, não há erro de conta. Assim o erro, não é uma evidência. É preciso ter tateado um certo número de direções para se aperceber que se crê, que só a isso se abrem os impasses, os divertículos nos quais nos engajamos, nós analistas, em torno dessas questões”.

Se trata primeiro de um engodo na maneira de se proceder, se trata de cálculo, e da base, e do fundamento do cálculo para o sujeito, ou seja, o traço unário.

O traço unário é a diferença e a diferença não apenas que suporta, mas que pressupõe a subsistência ao lado dele, de 1+1+1=1...(um mais um e mais um e ainda um) o mais estando ali apenas para marcar a subsistência radical dessa diferença. O problema começa aí onde ao adicionar o dois e três, que lhe dão sentido, que para nós são os efeitos da linguagem.

Em termos de efeitos do significante estamos habituados a reconhecê-lo no nível da metonímia.

O traço unário, no nível da sucessão freudiana, designa algo que é radical para a experiência originaria, é a unicidade, como tal, da volta da repetição.

Automatismo de repetição: (sempre) é a diferença, a distinção e a unicidade, que é em sua essência, um significante.

Nada implica que o sujeito precise contar demais as voltas do que ele repete, pois o repete sem sabê-lo. Não é menos verdadeiro que o fato da repetição está enraizada neste traço original, que como tal, esse unário está extremamente colado e co-extensivo à própria estrutura do sujeito enquanto ele é pensado como repetindo no sentido freudiano.

Tudo só é possível pela existência do simbólico, ou seja, se do Outro e do discurso de onde o sujeito tem de se situar. Desde antes do seu nascimento, e que, pelo intermédio ao menos de sua mãe, de sua lactante, se fala para ele.

É esse duplo plano que está em funcionamento, enunciação e enunciado.

O signo é impossível de se apagar, pelo fato de que o objeto do desejo se constitui apenas na relação com o Outro, enquanto ele próprio se origina do valor do traço unário.

O sujeito nada mais é que a consequência de que há significante e que o seu nascimento se prende a isso: que ele só pode se pensar como excluído do significante que o determina. Se o sujeito é só isso: essa parte excluída de um campo inteiramente definido pelo significante, é a partir daí que tudo pode nascer, é preciso sempre saber em que nível fazemos intervir esse termo, sujeito.

O desejo inconsciente acha-se na repetição da demanda, não se justifica somente por ser tendência, é outra coisa. Não podemos nos contentar com a referência opaca a um automatismo de repetição, por mais que tenhamos identificado. Trata-se da busca, ao mesmo tempo necessária e rotulada como tal pelo traço unário, aquele que não pode se repetir senão sempre a um outro.

Lacan, em sua suposição radical, coloca o sujeito em sua constituição, na dependência, numa posição segunda em relação ao significante, fazendo dele mesmo um efeito do significante.

Há uma valorização da função do traço unário, na medida em que a teoria do transfinito, o que a funda é um retorno, é um apanhado da origem da contagem de antes do número, do que antecede toda contagem e a envolve, e a suporta, a correspondência biunívoca, o traço por traço.

O significante determina o sujeito, o sujeito toma dele uma estrutura; é aquela que demonstrada no grafo. Este ano Lacan propõe pela identificação focar a estrutura

do sujeito em nossa experiencia clínica, tentando nos fazer seguir mais intimamente essa ligação do significante, em sua estrutura lógica, com a estrutura subjetiva.

Assim, existem dois imaginários, o verdadeiro e o falso, e o falso não se sustenta senão numa espécie de subsistência à qual ficam presas todas as miragens do des-conhecer – o sujeito se des-conhece na relação com o espelho. Essa relação do espelho, para ser compreendida como tal, deve estar situada sobre a base dessa relação com o Outro que é fundamento do sujeito, enquanto nosso sujeito é o sujeito do discurso, o sujeito da linguagem.

Nos seminários anteriores Lacan, nos ensinava que tudo está em tudo e agora muda para o contrário, há algo que se prende num rigor estrutural.

O discurso sobre a identificação, neste seminário constitui como aparelho operatório, ou seja, o fantasma.

Traço é a base (base se chama traço) de efetividade, ou não, do significante. O traço está sempre presente.

Para nós analistas, o que entendemos de identificação é o que encontramos de concreto em nossa experiência, é uma identificação de significante.

É preciso teorizar e conceituar a identificação.

A identificação seria a chave para fazer tudo, se ela evitasse referir-se a uma relação imaginária que suporta a experiência disso.

É preciso que o significante seja de alguma forma o sujeito, para que seja verdade que o sujeito é significante.

Este texto foi elaborado com a intenção de mostrar o quão complexo é a identificação do significante. Sua identificação pode ser feita pelo analista que sabe ler e somente é possível sua leitura a partir de um caminho percorrido em análise, sua identificação é complexa e somente possível pelo conjunto lógico em que o significante se apresenta em seu suporte, ou seja, pelo traço unário. Esse conjunto lógico se apresenta de forma metafórica e metonímica, nas duas cadeias do grafo do desejo.

É tão complexa leitura do traço unário, nesta busca pela identificação do significante, da então diferença absoluta, que foi necessário Lacan, usar a matemática, vários modelos topológicos, avançando em conceitos, como demanda, objeto *a*, desejo, falo, espaço e tempo.

O grafo do desejo é a topologia em que é tão bem esmiuçado em cada ponto do grafo a relação com o Outro, porém no seminário 5, a noção de significante já se apresentava, mas ainda distante da compreensão atual.

Todo o percurso deste ano, nos levou à fórmula do fantasma, aquela que consta no grafo do desejo, a qual ao ser articulada com o significante, passa a ser articulada com a estrutura lógica, e isso muda o conceito.

Entendo que este ano houve uma mudança na relação dos eixos real, simbólico e imaginário. Foi interessante acompanhar a insistência por todo o seminário do retorno a privação, fase oral, demonstrando o nascimento do significante nesta fase.

O raiz de -1, que é sujeito no nível em si mesmo, não é de forma alguma subjetivado. É necessário todo um ciclo que se feche, ele começa na privação, depois frustração e termina na castração.

Arrisco dizer que o significante é o acesso ao real em sua articulação com o simbólico e com o imaginário, que se presentifica na fórmula do fantasma, em que a junção passa por pulsão, desejo e termina como corte, onde o sujeito é somente um efeito de significante, ao menos este foi um dos focos principais deste ano.

Referência Bibliográfica

LACAN J. (1961-1962) – Seminário - A identificação - Tradução de Ivan Corrêa e Marcos. Recife, 2021